

e gera morbidades com dor óssea severa, fraturas, compressão espinal e hipercalcemia. O tratamento é de suporte, por meio do alívio da dor e quimioterapia, mas os resultados são precários devido a limitada ação da droga na metástase óssea. A Melitina, substância derivada do veneno da abelha *Apis mellifera*, tem demonstrado ação antiproliferativa, induzindo à apoptose, citotoxicidade e inibição da proliferação celular em vários tumores. No entanto, há toxicidade às células normais. Atualmente tenta-se reduzir sua toxicidade por meio de pesquisas em encapsulados e drug delivery. Devido a reduzida vascularização óssea, a via de administração intratumoral para metástases desta localização surge como alternativa à redução dos seus efeitos colaterais sistêmicos, embora nunca tenha sido utilizada.

Método: Após cultura com linhagem de células de adenocarcinoma de cólon humano/HT-29, o modelo de metástase óssea foi obtido por xenotransplante em camundongos Balb/c nude em calota craniana. Os animais foram divididos em grupos terapia (tratados por administração intratumoral com Melitina na dose de 1,5 mg/kg após o crescimento tumoral) e controle (não tratado). A aferição do volume tumoral foi realizada diariamente, assim como sofrimento animal e efeitos colaterais. Os animais foram submetidos à eutanásia para ressecção tumoral e o espécime extraído foi submetido à análise histopatológica.

Resultados: A Melitina possui efeito antitumoral quando administrada via intratumoral. A análise histopatológica mostrou presença de tumor indiferenciado com áreas de necrose no grupo terapia, ausente no grupo controle. Na histologia dos tumores tratados foi observada necrose.

Conclusão(ões): A Melitina reduz a progressão tumoral com menores efeitos colaterais quando utilizada pela via intratumoral, trazendo perspectivas quanto ao seu uso em tumores de cólon em estádios avançados.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.404>

477

Manifestações extra-intestinais em pacientes do núcleo de doença inflamatória intestinal de cuiabá - mt

J.B.J.B.D.P. Cavalcante, V.T. Atakiama, C.V. Ormonde, N.L.O. Zeitoun, M.D.S. Machado, C.H.D.A. Salles, W.D. Moreno

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Área: Doenças Inflamatórias Intestinais

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s): Traçar o perfil epidemiológico de pacientes com Doença Inflamatória Intestinal (DII) em associação com Manifestações extra-intestinais (MEI) do Núcleo de Doença Inflamatória Intestinal de um hospital universitário de Cuiabá – MT além de relacionar os tratamentos empregados.

Método: Foram analisados os prontuários de todos os pacientes com DII do Núcleo de Doença Inflamatória Intestinal de um hospital universitário de Cuiabá e selecionados aqueles que apresentaram qualquer MEI durante seguimento. Em

seguida, discriminou-se o perfil epidemiológico desses pacientes, o diagnóstico da DII, a forma da MEI além dos tratamentos empregados.

Resultados: Neste levantamento foram identificados um total de 137 pacientes com DII. Destes, 21 (15,3%) pacientes apresentaram alguma MEI durante o seguimento. A partir destes pacientes, 38% tinham diagnóstico de Doença de Crohn (DC) e 61% de Retocolite Ulcerativa (RCU). Os pacientes estavam distribuídos igualmente entre os sexos. A média de idade destes 21 pacientes é de 44,9 anos (24 até 78 anos). Os achados extra-intestinais em pacientes com DII foram de 9 casos (42,8%) com afecções articulares (artrites e artralgiias), 7 (33,3%) com afecções de pele (2 hidradenite supurativa, 2 pioderma gangrenoso, 2 psoríase e 1 com vitiligo), 4 (19%) com colangite esclerosante primária, 3 (14,3%) com afecções visuais (1 uveíte, 1 diminuição da acuidade visual e 1 com lesão de retina), 1 (4,8%) com fenômeno tromboembólico (trombose venosa de membro inferior) e 2 (9,5%) com acometimentos viscerais (esteatose hepática e nefrolitíase), tendo em alguns casos mais de uma MEI. Dos 21 pacientes, 12 (57,1%) utilizam imunobiológicos e 9 (42,9%) não fazem uso desta classe.

Conclusão(ões): Embora nossos achados de MEI tenha sido de 15,3%, a literatura traz um intervalo de prevalência que alcança valores de 21 a 47%. Além disso, foram encontrados dados de pacientes com DII associado a MEI nesse serviço superiores para todos os tipos de afecções específicas em comparação com outros estudos sendo de 2,8 a 31% para afecções articulares, até 20% para afecções da pele, 2,4 a 7,5% para acometimento hepatobiliar e 2 a 6% para afecções visuais. Pelos achados ficou evidente que as doenças inflamatórias intestinais podem apresentar além dos sintomas gastrointestinais típicos o acometimento de outros órgãos e sistemas e por isso é importante então uma investigação e acompanhamento sequenciados. Foram encontradas manifestações tanto de curso associado à atividade da doença intestinal quanto aquelas que têm curso independente da atividade da doença intestinal. Considerando tal impacto é de extrema importância que o médico assistente valorize tais manifestações que podem inclusive surgir antes das manifestações intestinais.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.405>

478

Manifestações perianais em pacientes do núcleo de doença inflamatória intestinal de cuiabá-mt

J.B.J.B.D.P. Cavalcante, V.T. Atakiama, C.V. Ormonde, N.L.O. Zeitoun, M.D.S. Machado, C.H.D.A. Salles, W.D. Moreno

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Área: Doenças Inflamatórias Intestinais

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s): Traçar o perfil epidemiológico dos pacientes com diagnóstico de Doença de Crohn (DC) do Núcleo de Doença Inflamatória Intestinal (DII) de um hospital universitário de Cuiabá que apresentaram manifestações perianais e



relacionar os tratamentos empregados na doença de base e na doença perianal.

Método: Foram analisados os prontuários de todos os pacientes com DC do Núcleo de DII de um hospital universitário de Cuiabá e selecionados aqueles que apresentaram qualquer doença perianal durante seguimento de forma a discriminar o perfil epidemiológico desses pacientes, o tipo de doença perianal envolvida, medicações em uso e intervenções realizadas.

Resultados: Foi realizado levantamento, sendo identificado um total de 65 pacientes com Doença de Crohn. Destes, 24 (36,9%) cursaram com doença perianal. Dos pacientes com doença perianal foi ainda constatado que 14 (58,3%) eram do sexo feminino e 10 (41,7%) do sexo masculino. A média da idade dos pacientes de DC com doenças perianais foi de 41,25 anos (16-66 anos). Dentre os 24 pacientes com DII associada a doença perianal, foram encontrados 16 (66,6%) pacientes com fístula perianal, 5 (20,8%) pacientes com fístula retovaginal, 3 (12,5%) pacientes com estenose anal, 2 (8,3%) pacientes com celulite perianal, 2 (8,3%) pacientes com abscesso perianal, 1 (4,16%) paciente com doença hemorroidária e 1 (4,16%) paciente com fissura anal, estando presente, em alguns, mais de um tipo de manifestação. O tratamento medicamentoso dos pacientes de DC que cursaram com doença perianal, em sua maioria, incluía o uso de imunobiológicos (91,67%), sendo que 45,83% faziam uso de Adalimumabe, 41,66% utilizavam Infliximabe e 4,16% utilizavam Ustequinumabe. Dos 24 pacientes, 21 (87,5%) foram submetidos à intervenção cirúrgica. Foram realizados ao total 12 procedimentos de fistulectomia, 7 colocações de sedenho, 2 drenagens de abscesso perianal, 2 dilatações anais, 1 estenotomia e 1 hemorroidectomia.

Conclusão(ões): A proporção de doenças perianais em DC encontradas neste hospital universitário foi superior à de Portela (2018), de 20-25%. Observando-se em específico, tem-se que: fístula é a forma mais comum de manifestações perianais na DC, sendo encontrado neste estudo quase o dobro referido por Kotze e Araújo (2019): 9-56%, enquanto fístulas retovaginais apresentaram semelhante prevalência deste estudo (3,5-23%) ou comparado ao de Andrade et al. (2005) de 25%. Os achados em relação ao tratamento mostram que a grande maioria (87,5%) dos pacientes necessitou de intervenção cirúrgica, fato este que vai de encontro a Kotze e Araújo (2019) que estimou que cerca de 70-90% dos pacientes com DC necessitarão de intervenção cirúrgica alguma vez no decorrer de sua vida.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.406>

734

Isoquercetina como novo alvo para inibição da angiogênese no câncer de cólon

M.G. Santana, G.d.C. Orfali, J.K.Y. Palma, G.C. Mendes, D.d.C. da Silva, J.A. Pereira, D.G. Priolli

Universidade São Francisco (USF), Bragança Paulista, SP, Brasil

Área: Estudos Experimentais Animais em Coloproctologia

Categoria: Pesquisa básica

Forma de Apresentação: Tema Livre (apresentação oral)



Objetivo(s): O câncer colorretal é o segundo tipo de tumor com maior índice de mortalidade no mundo. Seu tratamento baseia-se na ressecção cirúrgica associada a antineoplásicos, que além de destruir as células tumorais, afetam também as células saudáveis, gerando danos ao funcionamento do organismo, a exemplo do Bevacizumabe, um potente quimioterápico utilizado na terapia antiangiogênica. As vasoibinas (VASH) são proteínas identificadas como novos reguladores do processo angiogênico, que atuam na proliferação de neovasos em tumores como o câncer colorretal. Os flavonoides, compostos de origem natural, possuem ampla atividade farmacológica, como efeitos antioxidantes e antiproliferativos. Esses efeitos têm surgido como alternativa no tratamento dos tumores, contudo poucos estudos abordam seu potencial antiangiogênico em modelos tumorais. Sendo assim, objetiva-se avaliar o potencial antiangiogênico profilático e terapêutico da isoquercetina (Q3G), derivado de flavonoide, na modulação da VASH-1 em modelo animal de adenocarcinoma de cólon humano.

Método: Para a obtenção do modelo animal, células da linhagem HT-29 de adenocarcinoma de cólon humano foram cultivadas e implantadas em camundongos Balb/c nude por xenoenxerto heterotópico. Os animais foram distribuídos em grupos controle (não tratado); controle positivo (tratado com Bevacizumabe após o tumor atingir 100 mm³); profilaxia (tratado com Q3G sete dias antes do enxerto), e terapia (tratado com Q3G após o tumor atingir 100 mm³). A aferição do volume tumoral foi realizada diariamente. Os animais foram submetidos à eutanásia para ressecção tumoral e o espécime extraído foi submetido à análise histopatológica, imuno-histoquímica de VASH-1 e contagem de microvasos. A análise dos resultados foi realizada adotando-se $p < 0,05$.

Resultados: A Q3G não apresentou significância na quimioprofilaxia em comparação ao grupo controle. Na administração terapêutica, a Q3G apresentou efeito similar ao Bevacizumabe com inibição do crescimento tumoral, levando a diminuição do volume tumoral final ($p < 0,01$), aumento da expressão de VASH-1 ($p < 0,01$) e diminuição da proliferação vascular ($p = 0,04$) comparativamente ao controle. Constatou-se relação inversamente proporcional entre o crescimento tumoral e a expressão de VASH-1 ($p = 0,03$).

Conclusão(ões): A administração terapêutica da isoquercetina demonstrou potencial antiangiogênico sobre o adenocarcinoma de cólon humano, levando à inibição da proliferação neovascular mediada pela VASH-1, comparada ao Bevacizumabe.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.407>

737

Macroligadura alta em hemorroidas internas: análise retrospectiva de 2019 de pacientes operados ambulatorialmente

F.P. Gomes, H. Samartine Junior, S.O. Banci, J. Simoes Neto, A.J.T. Alves Junior, L.H. Oliveira, J.A. Reis Junior, J.A. Reis Neto

Clínica Reis Neto, Campinas, SP, Brasil

Área: Doenças Anorretais Benignas

